



Universidade
ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS-CCHA
CAMPUS IV - DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

AS MARCAS DO CANGAÇO EM *PEDRA BONITA*, DE JOSÉ LINS DO REGO

JANILENE DE CASTRO SOUSA

CATOLÉ DO ROCHA – PB
2015

JANILENE DE CASTRO SOUSA

AS MARCAS DO CANGAÇO EM *PEDRA BONITA*, DE JOSÉ LINS DO REGO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Prof.^aDr.^a. Vaneide Lima Silva.

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2015**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S725m Sousa, Janilene de Castro.
As marcas do cangaço em Pedra Bonita, de José Lins do Rego
[manuscrito] / Janilene de Castro Sousa. - 2015.
23 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e
Agrárias, 2015.

"Orientação: Profa. Dra. Vaneide Lima Silva, Departamento
de Letras e Humanidades".

1. Cangaço. 2. Pedra Bonita. 3. José Lins do Rego. I. Título.
21. ed. CDD 869.9309

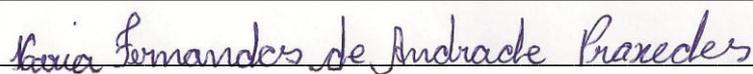
AS MARCAS DO CANGAÇO EM *PEDRA BONITA*, DE JOSÉ LINS DO REGO

JANILENE DE CASTRO SOUSA

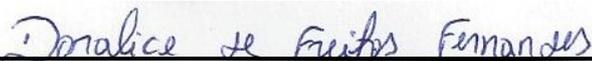
APROVADO EM: 15 de junho de 2015.



Prof^a. Dr^a. Vaneide Lima Silva
Orientadora - UEPB/CAMPUS IV



Prof. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes
Examinador - UEPB/CAMPUS IV



Prof. Ma. Doralice de Freitas Fernandes
Examinador – UEPB/CAMPUS IV

Dedico este trabalho a minha família, em especial ao meu esposo e ao meu filho, por terem tido paciência comigo, pois em muitos momentos não pude dar a devida atenção que eles mereciam. Saibam que todo meu esforço é por vocês e para vocês, que são a razão de todo meu esforço e dedicação. Amo vocês.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por ter me proporcionado a realização deste grande sonho, e por estar comigo dias e noites nesta caminhada.

Não poderia deixar de agradecer a Bruno Giorgi, pois se hoje venci esta batalha agradeço a ele, e por isso lhe dedico esta vitória.

Quero dizer que todo meu esforço e dedicação têm um nome Diêgo Sousa, meu filho. Todas as barreiras que surgiram em meu caminho e dificuldades enfrentadas durante o percurso acadêmico foi por você.

A minha batalha foi diária. Tive que percorrer um longo caminho, conhecer novas pessoas. No meio delas está a minha amiga Natália. Nossa amizade será eterna. Muito obrigada por seu carinho e dedicação.

Existem pessoas que cruzam nossas vidas para nos guiar pelo caminho certo. Essas pessoas certamente foram enviadas por Deus, pois foi através delas que consegui enfrentar as dificuldades e conquistar coisas que jamais pensei em conseguir. Devo esta vitória a vocês: Iracema, minha mãe, Angelina e Espedito meus pais adotivos.

Agradeço também à professora Vaneide Lima Silva, pela dedicação incansável e as sugestões tão apropriadas à elaboração deste artigo.

Aos familiares, que me ajudaram incondicionalmente, incentivando-me a realizar este trabalho.

Ao meu marido Dorival, pelo apoio e compreensão em todas as horas.

“É o sertão dos religiosos e dos cangaceiros,
dos que matam e rezam com a mesma
atrocidade e a mesma humanidade.”

José Lins do Rego

AS MARCAS DO CANGAÇO EM *PEDRA BONITA*, DE JOSÉ LINS DOREGO

SOUSA, Janilene de Castro.*

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar o romance *Pedra Bonita*, do escritor paraibano José Lins do Rego, publicado em 1938. Tomando como parâmetro a leitura dessa narrativa, detendo nossa atenção no personagem Aparício, que entra para o cangaço, evidenciando, assim, traços dessa temática na obra. Focalizando os conflitos e as perdas que teve o personagem durante sua vida e que o transformaram em um homem triste e vingativo. Sendo assim, elegemos o personagem, enquanto um dos principais elementos que estruturam a narrativa, como o objeto de estudo deste trabalho, identificando ainda a solidão que marca seu caminho enquanto personagem importante dessa trama, especificamente no que se refere ao reflexo do cangaço na obra. Além dessa temática, destacam-se ainda temas como o misticismo, a religiosidade e as crenças populares, diversidade que qualifica ainda mais a trama do escritor nordestino que se destaca no contexto do romance brasileiro pela produção de obras sobre o ciclo da cana-de-açúcar. Para a realização do estudo, foram fundamentais as contribuições de Bosi (2006), Amorim (2003), Pericás (2010), Mello (2010), dentre outros.

Palavras-chave: Cangaço. *Pedra Bonita*. José Lins do Rego.

ABSTRAC

This article aims to analyze the novel *Pedra Bonita*, of the Paraíba writer José Lins do Rego, published in 1938. Taking as parameter there adding of this narrative focusing our attention on Aparício character who joins with bandits, showing thus traces of this theme in the work. We will focus in the conflict and the losses that had the character during his lifetime and that turned into a sad and vengeful man. Therefore, we chose this character, as one of the main elements that structure the narrative, as the object of study of this work, and even we identified the loneliness that marks its way as an important character in this plot, specifically with regard to the reflection of the cangaço in the text. In addition to this theme, it stands out even topics like mysticism, religion and popular beliefs, diversity that further qualifies the northeastern writer plot that stands out in the context of the Brazilian novel by producing works on the sugarcane cycle sugar. For the study, were fundamental contributions of Bosi (2006), Amorim (2003), Pericás (2010), Mello (2010), among others.

Key-words: Cangaço. *Pedra Bonita*. José Lins do Rego.

*Aluna de graduação em letras na Universidade Estadual da Paraíba – Campus IV
Email: janycastro85@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Podemos entender o cangaço como um fenômeno social, caracterizado por atitudes violentas por parte dos cangaceiros. Essa temática é apontada por alguns críticos como um dos temas presentes na obra do escritor José Lins do Rego. Lendo o romance ***Pedra Bonita***, publicado originalmente em 1938, identificamos a presença do tema através do personagem Aparício, personagem machucado e desmotivado pela vida. O interesse pelo assunto e a obra desse escritor nordestinomotivou a realização desse trabalho, que objetiva, assim, analisar o romance procurando identificar as marcas do cangaço presentes na narrativa. Para tanto, centraremos nossa atenção na observação dos personagens, detendo-nos, sobretudo em Aparício.

O romance ***Pedra Bonita*** de José Lins do Rego se estrutura em dois momentos. No primeiro conta-se a história de um menino chamado Antônio Bento que viera de *Pedra Bonita* trazido por sua mãe para ser criado por seu padrinho Amâncio. Ele foi dado ao padre Amâncio na grande seca de 1904. A mãe trouxera-o quase morto, para que o padrinho lhe desse jeito, ao seu gosto. Estava, porém, satisfeito. Antônio Bento explicava que o padre Amâncio era bom. No começo era rigoroso, fora crescendo, e agora servir ao padrinho não lhe custava sacrifício.

Amâncio desde jovem sonhava em ser padre, porém, seu pai, o coronel Lemos, queria que ele fosse advogado. Amâncio virou padre e doou tudo o que tinha para os pobres, vivendo assim uma vida de simplicidade e sem regalias, mostrando humildade e caráter para com aqueles de vidas simples. Os cangaceiros, tendo como líderes Antônio Silvino, invadem a Vila do Açú. O sacerdote sai em defesa dos moradores daquela vila, impondo aos cangaceiros para que se retirem imediatamente enfrentando com bravura o líder daquele bando.

O segundo momento narra à história de ***Pedra Bonita***, onde se relata a vida da família dos Vieiras, família essa constituída por Bento Vieira, Josefina e seus filhos Antônio Bento, Aparício, Domício e Deodato. Comentava-se a respeito da desgraça que rondava ***Pedra Bonita***, um homem que dizia ter sido enviado por Deus, um tal de Ferreira, relatava que lá embaixo estava as pedrinhas pois elas era o Pai e o Espírito. Mas o filho queria o sangue dos inocentes para o grande milagre. O sangue dos que não estivessem sujos de pecados. O dos meninos e donzelas para o grande milagre. Os pais deram seus filhos, mas o milagre não aconteceu. O

milagre só acontecerá quando nascer uma donzela, quando uma virgem sair das carnes dos Vieira e ela entregar o corpo ao Padre da Pedra.

Conforme podemos observar, o romance explora temas como o misticismo, a religiosidade, crenças e o cangaço, dos quais interessa de modo mais específico este último, essas temáticas abordavam vários temas descritos pelo escritor paraibano José Lins do Rego.

Sendo assim, contribuíram para a realização deste trabalho estudos como os de Bosi (2006), Amorim (2003), Pericás (2010), Mello (2010), entre outros.

Estruturamos o artigo em dois momentos: inicialmente retomamos alguns comentários em torno da obra de José Lins do Rego, destacando algumas das características de sua obra e ressaltando sua importância para a literatura brasileira. Ainda nesse momento, trazemos considerações em torno de um dos temas explorados na análise de **Pedra Bonita**: o cangaço, para, num segundo momento, analisarmos propriamente o romance a partir de alguns personagens, especialmente Aparício percebendo e apontando as marcas do cangaço na obra.

Esperamos que nossa leitura venha motivar a releitura da obra de José Lins do Rego e ampliar os estudos em torno de seus romances.

1. JOSÉ LINS DO REGO E O ROMANCE 30

José Lins do Rego nasceu no dia 3 de junho de 1901 na cidade de Pilar, interior da Paraíba, e faleceu em 1957, na cidade do Rio de Janeiro. Seus pais foram João do Rego Cavalcanti Sobrinho e Amélia Lins Cavalcanti de Albuquerque (morta pelo marido). Depois da morte da mãe, José Lins do Rego foi morar no engenho Corredor com seu avô materno, onde passou toda a infância e o início da adolescência.

José Lins do Rego foi um escritor brasileiro que segundo a crítica em geral, juntamente com Graciliano Ramos, Érico Veríssimo e Jorge Amado representam um dos mais importantes romancistas regionalistas para a literatura brasileira. Em 1932 publicou seu primeiro livro: *Menino de Engenho*, que recebeu críticas favoráveis e a partir do qual tornou-se um grande sucesso, sendo premiado pela Fundação Graça Aranha. 1956 foi eleito membro da academia de Letras. Além de *Menino de Engenho* (1932), merece destaque *Doidinho* (1933), *Banguê* (1934), *O Moleque Ricardo* (1935), *Usina* (1936), *Pureza* (1937), *Pedra Bonita* (1938), *Riacho Doce*

(1939), *Fogo Morto* (1943), *Eurídice* (1947) e *Cangaceiros* (1953). Neste último romance, o tema do cangaço, assunto que nos interesse de modo especial, uma vez que é bastante conhecido pelos moradores da região Paraibana, já comparece no título da obra.

José Lins do Rego é considerado um autor de grande destaque na segunda fase do modernismo brasileiro (1930-1945), mais conhecida como “geração de 30”, que foi marcada pelo espírito construtivo, pelo desenvolvimento do romance regionalista. Este, por sua vez, considerado um veículo de denúncia, uma espécie de literatura de protesto, mostrando a relação do homem com o meio social. Segundo Bosi (2006, p.392): “Nessa perspectiva, poderíamos distribuir o romance brasileiro moderno de 30 para cá, pelo menos, quatro tendências, seguindo o grau crescente de tensão entre o “herói” e o seu mundo”.

Essas quatro tendências, segundo o crítico, são as seguintes: romances de tensão mínima, onde as personagens não se destacaram visceralmente da estrutura e da paisagem que as condicionam; romances de tensão crítica, no qual o herói opõe-se e resiste agonicamente às pressões da natureza e do meio social; romances de tensão interiorizada, cujo herói, diferente daquele dos romances de tensão crítica, não se dispõe a enfrentar a antinomia eu/mundo pela ação: evade-se subjetivando o conflito. E, por último, romances de tensão transfigurada, onde o herói procura ultrapassar o conflito que o constitui existencialmente pela transmutação mítica ou metafísica da realidade.

De acordo com essas quatro tendências de romances descritas acima, ***Pedra Bonita*** poderia se enquadrar no romance de tensão crítica, já que um de seus personagens, Aparício, interioriza e desmistifica o herói, perpetuando seus valores adquiridos perante a sociedade, impossibilitando assim pressões e repressões do herói, interligando e valorizando a natureza ao meio social.

Além do ciclo da cana- de- açúcar, José Lins abordou outros aspectos típicos da vida nordestina, como o misticismo e o cangaço, presentes nas obras *Pedra Bonita* (1938) e *Cangaceiros* (1953), conforme identifica Bosio analisar essas obras:

A observação do meio regional está no nascedouro do ciclo do misticismo e do cangaço, que abrange *Pedra Bonita* e *Cangaceiros*. Prosseguindo na abertura para a história, o escritor combina formas várias de relato: a lenda, a épica, a crônica (...). Muito provavelmente, José Lins terá extraído o material para o romance da literatura de cordel tão difundida no nordeste desde o século passado. (BOSI, 2006, p. 397).

Ainda segundo Bosi, José Lins do Rego trouxe em suas obras um grande número de personagens, conflitos e dramas de uma decadência social. O romancista soube fundir numa linguagem forte poética, oralidade, as recordações da infância e da adolescência como o registro intenso da vida nordestina colhida por dentro, através dos processos mentais de homens e mulheres que representam a gama étnica e social da região.

Candido (1989) afirma que houve por parte do romance de 30 uma preocupação com questões de ordem social e política, focando no regionalismo da época uma conscientização de países subdesenvolvidos. Havendo, pois, uma desmistificação do ideal, visando assim no Brasil apenas os aspectos exóticos e ilustrando como sendo um país desenvolvido, com ricas paisagens, onde o Romantismo foi e será sem dúvida, a mais clara expressão.

A prosa regionalista de 30 abandona, então, a amenidade e curiosidade. Pressentindo ou percebendo o que havia de mascaramento no encanto pitoresco, ou no cavalheirismo ornamental, com que antes se abordava o homem rústico. Não é falso dizer que, sob este aspecto, o romance adquiriu uma força desmistificadora que precede a tomada de consciência dos economistas e políticos. (CANDIDO, 1989, p.142, grifos do autor)

Depreende-se, portanto, da citação acima, que o romance foi marcado por uma vocação peculiar, sem vínculo com a realidade social. Assim, Candido esclarece que o romance desmistifica e desmascara esses encantamentos pitorescos, explicando que o romance faz uma abordagem sobre o homem.

Nesse sentido, cabe lembrar as considerações de Amorim a respeito do romance. Para esse crítico,

O romance é a epopéia de um tempo em que a totalidade extensiva da vida não é já dada de maneira imediata, de um tempo para a qual a imanência do sentido à vida se tornou problema, mas que, apesar de tudo, não cessou de aspirar à totalidade. (AMORIM, 2003, p.32).

Portanto, o romance de 30 foi retomado como um movimento renovador da literatura dos últimos anos, alcançando o auge máximo da consolidação da burguesia, que trouxe o alto capitalismo e a imprensa como consequências.

1.1 Algumas palavras sobre o cangaço

A figura de lampião- Antônio Virgulino Ferreira da Silva, conhecido popularmente pelo apelido de Lampião, foi o principal e mais conhecido cangaceiro brasileiro. Nasceu na cidade de Serra Talhada (PE) em 7 de julho de 1898 e faleceu em Poço Redondo (SE) em 28 de julho de 1938. Ficou conhecido como o "rei do Cangaço". O cangaço foi uma mobilização e confronto dos cangaceiros com os coronéis, policiais e bandos rivais. A figura de lampião ocupou um grande espaço no sertão paraibano, sobretudo porque com a morte de lampião o cangaço perdeu força, mas a história de Antônio Virgulino que lutou contra o descaso dos órgãos público em relação ao sertão nordestino entrou para a história do Brasil, retomada pelos modernistas da geração de 30, a exemplos de José Lins do Rego.

Admite-se correntemente na literatura especializada sobre o cangaço, tácita ou explicitamente que este fenômeno de banditismo teve seu ciclo encerrado pelo advento do Estado Novo. A argumentação gira em torno do que se segue: as modificações políticas no novo regime, sobretudo o projeto centralizador e o empobrecimento das prerrogativas locais em relação aos governos estaduais, agiram de modo a esterilizar o solo do qual brotavam os cangaceiros. Lampião, nos anos de 1937 e 1938, não chegou a sofrer sérios reveses nem esteve exposto a um ambiente refratário por parte de seus protetores mais ou menos importantes.

Muito pelo contrário, seu comportamento indicava uma estranha tranquilidade em relação àqueles que o cercavam. Talvez, como afirma Mello (1985), Lampião estivesse tomando-se burguês demais para um guerreiro. Demasiado luxo, demasiado descanso, espírito por demais apaziguado. Uma das grandes demonstrações de sua confiança no momento presente foi precisamente o estacionamento num local inseguro e taticamente inadequado como era a ravina da fazenda Angico, às margens de um afluente do rio São Francisco, entre Sergipe e Alagoas.

Curran (2001) afirma que o cangaço se deu como um fenômeno endêmico que só poderia ter se constituído sob a aquiescência do poder instituído; e sob a

proteção da mesma comunidade que o considerou como um movimento marginal, de feras-da-lei. Eram grupos de homens que se moviam como nômades, tendo como casa o território da caatinga e vivendo de saques a cidades e fazendas. Mudanças tanto na ordem política quanto na social e econômica que vão propiciar o surgimento de novos bandos de cangaço convivem, ao mesmo tempo em que proporcionam espaço para o seu nascimento, com cresças populares, numa apreensão bem particular dos símbolos. Rezas, terços, velas, pagamentos de promessas, imagens da vida no além túmulo; tudo emprestado dos dogmas da Igreja Católica Apostólica Romana, usados a partir da visão de mundo dos próprios fiéis. Nessa forma de ver o mundo, o bandido, depois de morto, opera milagres.

Mello (2010) observa que os componentes do grupo de cangaceiros andavam juntos, migrando de cidade em cidade ou por onde fosse necessário, esse será a forma de sobrevivência dessa gente, a violência contra os cangaceiros vinha crescente constantemente. A sociedade banuiu de forma cruel e preconceituosa jovens de vida sofrida, onde vivenciavam o cangaço como uma realidade ou fantasia. Segundo Mello

O cangaço, em sua raiz de insurgência nômade, grupal e autônoma, assim aconsoante migração não era problema para o grupo e sim uma maneira de sobrevivência. O sertão favoreceu ao banditismo um nome próprio, apontando de um “homem” pré-disposto à aventura, um meio físico propício à ocultação. Coberto por uma malha vegetal de fácil penetração, e uma cultura receptiva à violência, o meio sertanejo não poderia deixar de se converter no palco principal do cangaço (MELLO, 2010, p. 4).

Vale salientar que as causas que levaram ao surgimento do cangaço são várias, não podendo assim atribuir a um único fator apenas, sob punição de simplificar o fenômeno. O cangaço tornou-se um refúgio fácil de penetração, ou seja, uma cultura receptiva que engloba a violência favorecendo aos sertanejos um meio de sobreviver a tanta diferença social.

Pericás afirma que:

O cangaço é fruto somente das condições climatológicas do nordeste, uma das primeiras explicações sobre o surgimento do fenômeno, obterá os fatores históricos e sociais que contribuíram para que o cangaço se desenvolvesse na região e não em outras partes do país. (PERICÁS, 2010, p.19)

Diante do cangaço percebe-se o nascimento de um período turbulento, onde os sertanejos passam por dificuldades devido a seca que assola a região nordeste. “o vocábulo cangaço remete aos apetrechos utilizados pelos bandidos nordestinos carregando em suas viagens, armas e utensílios diversos” (Queiroz, 1977, p. 15). Nesse sentido, os atos de indisciplina no bando eram frequentes e tinham vários motivos, pois se eles não andassem armados corriam sérios riscos de sofrerem uma emboscada, por isso todos os apetrechos usados pelos cangaceiros eram de fundamental importância.

Para Hobsbawm (2010), o cangaço foi declarado como idealização seletiva. Esta afirmação consistia basicamente em atitudes para reter do cangaço apenas fragmentos positivos. Esse processo permaneceria, portanto. Colocaríamos em segundo plano crimes cometidos por cangaceiros e valorizaríamos suas boas ações. “Naturalmente, quanto mais afastado do cangaço o público estivesse, em seu tempo e espaço facilitaria ao bandido encontrar seu aspecto positivo e passar por cima dos negativos” (HOBBSAWM, 2010, p. 181).

A visão que se tem de admiração pelo bandido social, podendo crescer com o passar dos anos, à medida que seus crimes fossem sendo esquecidos com o tempo. Quem admirava o cangaço não havia estado em contato propriamente com os bandidos, mas tinha ouvido histórias contadas sobre as peripécias dos cangaceiros da região nordeste. Conforme Hobsbawm afirma, o cangaço quebrou e ultrapassou os limites impostos pela sociedade daquela época.

2. PERCORRENDO A *PEDRA BONITA* E IDENTIFICANDO AS MARCAS DO CANGAÇO

No romance *Pedra Bonita*, de José Lins do Rego, o típico sertanejo é focado no personagem principal, Antônio Bento, que teme a Deus, colocando os dogmas da igreja em primeiro lugar. Dessa forma a religiosidade transfigura-se como marca principal do sertanejo.

Mesmo assim na missa das onze a igreja ficava vazia. Só as mulheres acudiam ao chamado. Os homens do Açú não se importavam com a devoção. Todas as mulheres do Açú deixavam as casas sujas e iam escutar o evangelho do padre Amâncio. E pediam pelos seus filhos e maridos. E depois era escondido no sacrário. (REGO, 1980, p.11).

Observe como nesse aspecto as mulheres eram devotas, reconhecendo que acima de tudo o senhor vinha em primeiro lugar. O padre Amâncio pregava o evangelho com a finalidade de transparecer e modificar o pensamento dos fiéis, principalmente dos homens que se mostravam arcaicos e descrentes com a palavra de Deus.

D. Eufrásia (irmã do padre Amâncio) achava o povo da Vila do Açu uma gente infeliz, uma gente diferente. Não sabia o que era, mas uma coisa lhe dizia que todos ali escondiam um segredo. Quando deram a notícia da nomeação do seu irmão Amâncio para a Vila do Açu, D. Eufrásia ficou indignada, pois, segundo ela, lá era a pior freguesia do estado, só mesmo o Amâncio com a coragem de se meter ali. “O meu irmão vai para o meio de feras, Deus o mandara para lá. No meio de piores feras estivera Jesus na terra. Para ele o sacerdócio não seria um caminho por cima de rosas” (REGO, 1980, p. 14).

O padre Amâncio explica a sua irmã (Eufrásia) o porquê de estar ali: ele adverte esclarecendo que, o senhor estava em todos os lugares, não escolhendo cor, raça, lugar, posição social, ou seja, foi sua a decisão de ir para a vila do Açu e ninguém poderia impedir aquela missão. “Eu fui escolhido por Deus para expor a palavra do senhor aqueles cujas vidas estão cheia de sofrimento e solidão, não importam sua posição social estou ali para servir a Deus.” (REGO, 1980, p.14).

Percebe-se no trecho acima que o padre Amâncio projetou-se à frente daquela comunidade com indiscutível protagonismo. Em torno dele produziu-se um conjunto de representações, com intuito de expor e esclarecer o significado e a importância que tem a palavra de Deus, ou seja, a comunidade deve reconhecer que o padre Amâncio está ali para servir e acolher os fiéis com dedicação e amor, pois o seu pensamento é ajudar as pessoas independente da sua raça ou classe social.

Surgiu na Vila do Açu um forasteiro chamado Dioclésio, suas histórias, conhecimentos e fantasias deixavam Antônio Bento encantado, ele trazia consigo uma viola e uma rede, levando uma vida humilde, andando de cidade em cidade, com sua simplicidade conseguia reunir multidões improvisando versos, os meninos ficavam encantados com aquela sabedoria e correria para perto dele só para ouvir seus versos improvisados, o que chamava mais atenção do público era as histórias contadas por ele sobre a vida dos cangaceiros como Antônio Silvino, Jesuíno Brilhante e de Cabeleira. “Menino não queira ver cangaceiro com raiva! Dê por visto um demônio armado de rifle e punhal”. (REGO, 1980, p. 37).

Constatamos que nada impedia os cangaceiros em suas decisões, principalmente quando se tratava de invadir uma cidade, não havia nada que os impedissem. Chegava sem pedir permissão, impondo terror naquela localidade, saqueando, roubando e em alguns momentos matando pessoas inocentes, desrespeitando as autoridades como os policiais, o padre, o prefeito e tornando aquela comunidade em um campo de guerra por alguns minutos.

Segundo o romance, os cangaceiros de Luis Padre invadiram uma fazenda perto de Sousa, ocasionalmente esta propriedade era ocupada por uma humilde família sem prestígios e valores. Os valores exigidos naquela época faziam com que as moças arrumassem um bom casamento, os pais tinham todo um cuidado com a honra das filhas, aquela que não fosse donzela antes do casamento seria expulsa de casa. Mas quando o bando de Luis Padre perguntou pelas meninas à velha caiu nos seus pés, “capitão respeite as meninas! Não ofenda as minhas filhas, capitão! ninguém vai ofender as meninas velha cagona.” Os cabras estragaram as moças. Ouvi “o choro das pobres, os cabras gemendo no gozo, o velho urrando como um boi ferrado” (REGO, 1980, p. 37).

Diante do trauma sofrido pelas meninas, elas se tornaram jovens solitárias, com pensamentos sombrios em relação ao que tinha acontecido com elas, o melhor remédio para elas era o silêncio. O que passava pela mente delas era, como a sociedade daquela época iria reagir. Fisicamente os pais das meninas permaneciam inconformados pelo que tinha sucedido, pois não era fácil saber que suas filhas estavam sendo abusadas sexualmente por bandidos, e eles ali presenciando tudo sem poder ajudá-las. Este acontecimento na vida destas garotas deixou uma marca profunda que jamais conseguiram esquecer, pois carregarão essa dor empreguinada em seu corpo e na alma.

As celebrações na paróquia ocorriam com frequência, o padre Amâncio celebrava o evangelho para moradores da Vila do Açú. Ensinava aos paroquianos os princípios morais de um ser humano, de como amar ao próximo assim como amamos a Deus, a ser bom e ser justo, ninguém deve ter ódio no coração, relatava padre Amâncio. Uma noite estava quase no fim da celebração da missa, quando ouviram uns disparos na rua: “os cangaceiros tinham entrado no Açú. Os cabras, de rifle na mão, atravessavam de um lado para o outro fazendo maior baderna na cidade” (REGO, 1980, p. 63).

Com essas descrições, podemos imaginar que agora, a vida da população da Vila do Açú se desconstruía e o traumatismo proporcionava proporções grandiosas, ou seja, o medo estava estampado na fase dos moradores da Vila do Açú. Os cangaceiros dominavam por um instante a cidade, porém, o padre Amâncio intercederia a favor dos fiéis junto aos cangaceiros. O trauma da comunidade em relação aos cangaceiros não foi superado.

O tenente Maurício relata que não se pode acreditar em sertanejo,

Tem andado por esse mundo afora com sua tropa, e se fosse atrás de conversa de sertanejo, cairia em emboscada todos os dias. Ele vinha com uns trinta homens dispostos a tudo, explica à população que não se deve acoitar cangaceiro, as moças apavoradas começaram a chorar. Chorando por quê? gritou o tenente. Dão de comer a cangaceiros de dente arreganhado, e mal avistam a gente do governo dão para chorar (REGO, 1980, p. 84).

Percebemos que os policiais amedrontavam os moradores da Vila do Açú. É possível imaginar o medo dos moradores daquela localidade. O governo vinha fechando todas as saídas com o intuito de prender os cangaceiros, impossibilitando atos de crueldade.

A milícia tinha plenos poderes na Vila do Açú, e os governantes acatavam seus pedidos, pois o que o governo queria era que os cangaceiros parassem de saquear aquela comunidade, pois sem as contribuições da população o governo ficava de mãos atadas, o tenente Maurício deixou a tropa de sobre aviso.

Agora já sabem! Já conhecem o meu riscado! Coiteiro comigo não tem lugar para se esconder. Pede ao padre, pode ir dizendo por aí: o tenente tem carta branca do governo, posso fazer o que quiser. E de chapéu de couro na cabeça, com um rifle na mão direita e o punhal atravessado, parecia um cangaceiro que estivera com o grupo no Açú. Não fazia diferença. (REGO, 1980, p. 87).

Evidencia-se nesta citação a autoridade imposta pelo tenente Maurício, impondo respeito pelo mesmo e fazendo com que aquela comunidade não desacate suas ordens e que ninguém se atreva a dar moradia a nenhum cangaceiro, se isso chegasse a acontecer sofreriam as consequências, pois lugar de cangaceiro é atrás das grades. Aqueles que acobertam bandidos são considerados um meliante da mesma espécie.

Apesar da fazenda Araticum ficar sob os cuidados de Aparício (irmão de Antônio Bento), ele nunca esqueceu seus familiares. Mesmo esse tendo cometido vários crimes. Na verdade o personagem tinha pena dos pais, pois descobrira que era um homem do cangaço, que tinha um temperamento excitado, e que a vida fora também amarga. Com doze anos Aparício Vieira vivenciou situações de perigo, de fome. Era como se não existisse ninguém no mundo.

Aos quinze anos chegou-lhe um dia a notícia em casa, tinham matado na feira de Dores o grande Aparício Vieira. Três cabras foram em cima dele de pistola e punhal. Dois ficaram estendidos com ele e o outro de bucho rasgado para morrer dias depois. (REGO, 1980, p.97).

Percebemos que a cena presenciada por Bento Vieira marcará profundamente sua infância, que mesmo em meio a outros acontecimentos, sempre lembrará com tristeza e com um tom de saudade, o seu irmão Aparício. A tristeza sempre falava mais alto, e Antônio Bento se sentia só, ficava horas em silêncio com seus pensamentos sombrios.

O protagonista também se tornou um menino medroso e atormentado por visões ruins. Em certa ocasião, o personagem não conseguia mais dormir sozinho, tinha medo do escuro, e começou a ter alucinações. Antônio Bento agora era filho único, ficou com toda herança deixada pelos pais, as terras e o gado, e, sobretudo com a tradição de sua coragem, de seu valor, pesando em suas costas. Viveu solitário, isolado do mundo, tratando de suas reses, só no Araticum com uma mulher para lhe fazer a comida. Toda vizinhança comentava daquela solidão, pois se tratava de um homem muito jovem. “Homem tinha que ter a família, a sua mulher, os seus filhos. Assim como vivia ele, era melhor que fosse para o cangaço” (REGO, 1980, p. 97).

É possível perceber que Antônio Bento se dava bem com a solidão, ele achava melhor viver isolado do que passar o resto da vida refugiado, assim seria se entrasse para o cangaço, o banditismo não seria sua tábua de salvação e sim um refúgio para sua solidão, já que não poderia mais reviver a sua infância, o contato com seus semelhantes lhe fazia falta. Toda injúria mencionada ao seu respeito tinha um propósito, fazê-lo sentir-se culpado e assim adentrar no cangaço.

Os irmãos Bentinho e Domício ficaram curiosos para desvendar o mistério querendava a **Pedra Bonita**. Os boatos deixaram os garotos inquietos, por isso

queriam descobrir toda a verdade. Investigaram e chegaram até o curandeiro Zé Pedro, ele contou tudo. Ele relatou para os irmãos que o sangue dos Vieiras desgraçou a Pedra. Seu Zé Pedro explicava que os boatos relatados pelo povo da **Pedra Bonita** era um comentário maldoso, o velho Zé Pedro disse: “você não têm nada a ver com a história da Pedra”. Os irmãos Bentinho e Domício comentam, não sabíamos da história, Aparício nosso irmão nos disse uma vez, “Domício, isso aqui não vai para diante, Melhor vale o cangaço, O pai do velho foi cangaceiro, O velho Aparício foi do cangaço, Pois e o que eu te digo, Bentinho. A família da gente vai se acabar” (REGO, 1980, p. 119).

A passagem descrita acima ilustra a desilusão de Aparício com sua terra, a invasão dos cangaceiros tornou aquele lugar sóbrio, semvida, sua vontade era de sumir pelo mundo, e nunca mais saber nada daquela terra de loucos, só não executava o plano por pena de sua mãe. Para ele o cangaço era uma experiência nova, na qual jamais sonhou em realizar, foram as circunstâncias da vida que o fizeram entrar neste mundo, ou seja, agora era tarde: em suas veias percorre sangue, sangue dos Vieiras, cangaceiros destemidos e corajosos.

A milícia massacrou os familiares do cangaceiro Aparício: invadiram a propriedade dos Vieiras procurando pistas que os levasse até Aparício, como não encontraram nenhum vestígio do mesmo, começaram a espancar a família inteira. Seus parentes não tinham ideia de onde estivesse Aparício, mesmo assim continuaram metendo o cipó- de- boi. Josefina (mãe de Aparício) estava de cara cortada e os outros que ali estavam perdera muito sangue.

Tudo por sua causa Aparício. Já fora filho de cangaceiro. Agora era pai. Perseguição da polícia não pararia mais no Araticum. Tudo que era tropa teria que tirar a sua diferença na gente do Araticum porque Aparício matara um praça e era do grupo de cangaceiros. (REGO, 1980, p. 127).

Constatamos, diante da citação acima, que não só os familiares, mas também a população da **Pedra Bonita** vivem momentos angustiantes, pois os policiais por não saberem do paradeiro do destemido Aparício, analisavam com cautela por onde recomeçar as buscas, no entanto, espancar seus familiares não adiantaria, agora era esperar, montar guarda em frente à residência dos seus parentes, uma hora ele irá aparecer. Os policiais imaginavam que quando o cangaceiro Aparício soubesse do que fizeram com seus entes queridos, mostraria

preocupação e viria até eles. Seria nesta ocasião onde a milícia montaria uma emboscada para capturaro corajoso Aparício Vieira.

Certo dia Domício, (irmão de Aparício), tinha sido capturado pelos policiais, os soldados falavam em matá-lo. Atravessaram toda a caatinga imaginando como ocorreria esta morte. Constatase por alguns momentos que Domício preferia que todo aquele sofrimento vivenciado por ele acabasse logo, ou seja, que o deixasse na terra para os urubuscomê-lo. Não seria ele o culpado das mortes e sim Aparício.

Fiquei pensando em Aparício. Se ele chegasse com o bando dele, não ficava nenhum vivo daqueles soldados. Nunca tive vontade de ser cangaceiro, mas agora eu tenho. Tu não avalia, Bentinho, o que foi que eu passei. Dois dias e duas noites no meio dos pobres. (REGO, 1980, p. 129).

Diante da fala de Domício, é possível concluir que todo aquele sofrimento vivenciado por ele em sua vida, serviu para entender o motivo que levou seu irmão Aparício há entrar no mundo do crime, ele ressalta. “Todo aquele sofrimento era para meu irmão Aparício”, mas infelizmente não ocorreu este fato, diante dos acontecimentos pensou na possibilidade de ingressar no cangaço somente com interesse de vingança.

O cangaço foi um fenômeno que modificou a vida do personagem Aparício. Os fatos que o levou a entrar no cangaço foram à morte de um vaqueiro e de alguns policiais em um confronto. Apesar de todos os acontecimentos faltava-lhe posicionamentos e decisões, mostrando homens querendo ingressar no cangaço, nem todo sofrimento vivenciado por Aparício depois do ocorrido com aquele boiadeiro valeu a pena. Esses fatos o fizeram um homem triste, amargurado e solitário. Os pais de Aparício ressaltam:

— Tu não vai te entregar? Eu? Só se estivesse leso. O praça ficou estendido no chão. Se eles me pegam me cortam em pedaços. [...]. Meu filho, filhinho! Não precisa de viagem, mãe! A coisa se deu, está dada. Vim para me despedir. O velho falou em me entregar. O velho só sabe mesmo tratar de bode. Já estou de rota batida pra o bando de Deodato. – menino não faça isto disse a velha. Menino, não se desgrace. Tu não deve ir para o cangaço. O teu avô morreu nesta vida. Mas Aparício não permitia alvoroço: - mãe, eu só vim dizer adeus (REGO, 1980, p. 123).

No fragmento acima Aparício revela seu posicionamento a seus pais e o que de fato aconteceu e diz que irá fugir, pois ele sabia o que aconteceria se ele se entregasse. Obviamente os pais de Aparício, (Bento Vieira e Josefina), o

aconselhavam para que ele se entregasse e respondesse pelos seus crimes. Ele se revolta com a atitude dos pais e diz que a “coisa já se deu esta dada”, ele se despede com o pensamento de encontra seu irmão Deodato para adentrar no cangaço.

Apesar de toda melancolia Aparício revela a seus irmãos a fase negativa de perambular de cidade em cidade e como são praticada as ações dos cangaceiros, ações essas que deixam marcas profundas na vida de alguns moradores da vila do Açu.

A vida no grupo é ruim, continuava Aparício. - A gente come fogo. Tu não sabes o que é passar quinze dias por aqui, comendo carne-seca com farinha. Se não fossem os imbus, eu nem sei como se vivia. Tive até vontade de ir me entregar em Dores. Mas pensei. Eles me matavam. Pra morrer, eu morro no cangaço. A vida é danada, Domicio, mas a gente aguenta. Outro dia nós demo um fogo pra lá da Vila Bela. Morreu dois dos nossos. A tropa era grande. Tivemos que correr cinco dias e cinco noites sem parar. Comendo e bebendo sem parar um minuto. Nesta carreira viemos parar aqui. Nós viemos há uns oito dias quando a tropa passou para o Araticum. O chefe não quis atacar. Nós estávamos no descanso. Nós tivemos a notícia por um costeiro que mandou dizer. Mas não tem nada não. O sargento de Dores vem por estes dias na fazenda do coronel Zé Gomes. O chefe já teve notícia dessa diligência. O coronel é amigo do chefe. Vai ser uma carniça dos diabos. [...] tu vai saber da desgraça (REGO, 1980, p.131).

O personagem Aparício em alguns momentos demonstra se arrepender dos seus crimes será que todo aquele sofrimento vivenciado por ele valeu à pena? Retomando sua consciência e voltando à realidade, reflete que não era possível se entregar porque a polícia o mataria com requintes de crueldade. Mas mesmo assim preferiam morrer no cangaço. Para os cangaceiros muitos daqueles corpos estendidos no chão não passavam de animais, sem serventia alguma.

Os cangaceiros fizeram um escândalo quando os irmãos de Aparício descobrem o esconderijo. Aparício os tranquilizava dizendo que eles são de confiança. Aparício fica eufórico ao rever seus irmãos.

Os cabras do bando de Aparício davam-lhe confiança em suas conversas com seus irmãos, os rapazes eram homens experientes. Isso acontecia porque naquele momento o que menos poderia acontecer era o bando ser descoberto. Os irmãos ressaltam coitados mal sabiam eles que estavam sendo procurados por toda a região. Aparício os recebe de braços abertos, dialogam explicam a ele o que esta acontecendo e em seguida vão embora, agora era fato não saberiam se algum dia iria revê-lo novamente. Tu ouviste Bentinho! Coitado de Aparício. Com pouco mais fica aí de dente arreganhado para o sol. Morre num tiroteio e se acaba de uma vez. Vida desgraçada é essa de cangaceiro! (REGO, 1980, p.131).

Podemos imaginar que os irmãos previam um fim trágico para o irmão Aparício. O desejo dos irmãos é que Aparício reconstruísse sua vida forjado no cangaço, porque se isso não acontecesse seus familiares o esqueceriam. Aparício olha para os irmãos e diz, “Só deixarei meus companheiros quando morrer, este meio de vida não é para todos. Portanto, vocês devem entender o real motivo pelo qual entrei nesta vida, desde muito cedo fomos menosprezados pela sociedade da Vila do Açú.” (REGO, 1980, p.131). O cangaço para Aparício surgiu em um período turbulento da sua vida, o bando para ele naquele momento era sua família, pois eles defendem uns aos outros com garra e determinação.

Essa transformação na vida de Aparício fez com que seu irmão Domício se sentisse só, vendo como a desgraça cairia sobre sua família, a casa onde moravam estava em ruínas, em meio a tanta tristeza ouvia-se o canto dos pássaros, canto esse que só trazia recordações dos bons tempos vividos pela família dos Vieiras.

Aparício no cangaço, vingando as desfeitas ao seu pai e a sua mãe. Ele teria que viver dias e dias perdido na serra, escondido, comendo araticum, dormindo aqui e acolá, até que eles se esquecessem, até que outro tiroteio desviasse a tropa para outras famílias e outro pai e outra mãe de cangaceiros entrassem a pagar pelos crimes dos filhos. Até lá a sua vida só poderia ser aquela. Não tinha vontade de entrar para o cangaço. Muitos tinham ido para lá sem querer, levados pela perseguição. (REGO, 1980, p.145).

O fragmento parece sugerir que a partir de agora com o abandono de Aparício, a saudade e as lembranças passaram a ser o companheiro de toda uma vida para Domício, sua memória sempre relembra do jeito terno e doce do irmão. Domício relatava, a rememora a infância guarda detalhes bem vivos da nossa família que o tempo não conseguiu destruir.

Depois do trauma sofrido por Domício (irmão de Aparício), o alvo de desconfiança rondava Bentinho, pois ele não era bem-visto pelos oficiais, por mais de uma vez era parado e interrogado para falar do irmão. Se não fosse o padre Amâncio, Bentinho iria sofrer as consequências dos atos cometidos pelo irmão na cadeia.

E a fama de Aparício crescendo sempre. Dera ele um tiroteio com a força do tenente Lucena em Água Branca. A luta demorou horas e por fim Aparício furou o cerco, atravessando o Rio S. Francisco, invadindo a Bahia. O cangaceiro seu irmão ficara falado. Era o terror das caatingas, o maior de todos os cangaceiros. (REGO, 1980, p. 157).

Diante dos fatos descritos a cima, identificamos a grande astúcia do jovem Aparício, demonstrando o porquê de ser conhecido como o terror das caatingas: jamais tinha aparecido naquela região um cangaceiro com tanta bravura e coragem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura do romance *Pedra Bonita*, de José Lins do Rego, nos possibilitou uma aproximação do personagem Aparício, protagonista do romance. Em toda a narrativa ele se apresenta como um menino destemido e corajoso, mas ao mesmo tempo vulnerável, frágil e solitário. A apresentação do enredo nos permite perceber e identificar o que faz dele um personagem sóbrio e incompleto, evidenciando-se, assim, uma relação íntima entre o enredo e o personagem, elementos constituintes da narrativa de José Lins do Rego que não podem ser analisados de maneira dissociada. A análise do protagonista nos possibilita construir o seu perfil, explicitando as marcas do cangaço que se evidenciam em suas ações, nos possibilitando, assim, conhecer um pouco da vida dos cangaceiros em geral.

A trajetória do menino Aparício sintetiza o painel social quebrado por Antônio Virgílio Ferreira da Silva, mais conhecido como lampião, porém ele foge, vai à luta por vivenciar uma luta contra a sociedade daquela época. Aparício constata a condição miserável do cangaço, e piora quando o mesmo entra em luta em nome dos moradores da Vila do Açú, morando na caatinga Aparício vai morrendo aos poucos, impressionado com aquela situação sente-se mais enojado daquela vida.

No nosso entender este artigo torna-se relevante, pois amarra o cangaço como um fenômeno e ao mesmo tempo uma arte como forma de interpretar e analisar este aspecto. As memórias ficcionais de José Lins do Rego são possibilidades de representações do real, e nelas confiamos no sentido de entendê-las. O personagem Aparício demonstra para a sociedade daquela época que viver no cangaço tem suas vantagens, não por ele ser visto como um bandido, mas por enfrentar as dificuldades e garantir o respeito e a dignidade.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, José Edilson de. **Romance à brasileira** (literatura e sociedade no século XX. João Pessoa: Bagagem, 2003
- BOSI, Alfredo. **Historia Concisa da Literatura**. 43 ed - São Paulo: Cultrix, 2006.
- CANDIDO, Antônio. **A Educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989.
- CURRAN, Mark J. **História do Brasil em Cordel**. São Paulo: Editora da Usp, 2001.
- HOBBSAWM, Eric. **Bandidos**. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- MELLO, Frederico P. de. (1985). **Guerreiros do sol** — o banditismo no Nordeste do Brasil. Recife, Massangana.
- MELLO, Frederico Pernambucano. **Estrelas de Couro: a estética do cangaço**. São Paulo: Escrituras Editora, 2010.
- PERICÁS, Luiz Bernardo. **Oscangaceiros: ensaio de interpretação histórica**. São Paulo: Bom tempo, 2010.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Os Cangaceiros**. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
_____. **Histórias do Cangaço**. 2º Ed. São Paulo: Global Editora, 2010.
- REGO, José Linsdo, 1901-1957. **Romances reunidos e ilustrados, 7: Pedra bonita** / José Lins do Rego. – 10. ed.- Rio de Janeiro: J. Olympio, 1980.